

FORÇA POR MEIO DE CRISTO

O contraste que Paulo fez entre “o ministério da morte” (3:7) e “o ministério do Espírito” (3:8) se dirigia ao conflito existente na igreja de Corinto. O propósito não era analisar de forma abstrata a integração da antiga e da nova aliança. Uma necessidade imediata, a controvérsia do momento, exigiu essas palavras do apóstolo. Mestres enviados de Jerusalém a Corinto anunciavam uma mensagem diferente da que ouviram de Paulo. Entendiam que a revelação de Deus a Moisés era um sinal de que Israel tinha o favor de Deus. Os israelitas viam esse papel de povo escolhido de Deus como parte da ordem eterna – e, aos olhos de alguns cristãos judeus, isso continuava em vigor.

Diferentemente desses irmãos, Paulo via a posição privilegiada de Israel como um passo preliminar no plano divino de salvar toda a humanidade do pecado. Em Jesus de Nazaré, Deus assumiu a forma humana. Por meio de Sua vida, morte e ressurreição, o Cristo de Deus abriu a porta para que todos fossem salvos. O povo de Deus e, portanto, o reino de Deus, expandiu-se. Dentro da igreja de Cristo, judeus e gentios participavam igualmente do ato redentor de Deus (Romanos 2:29; Gálatas 3:7; 6:16; Filipenses 3:3).

Paulo, sem dúvida, teria preferido manter a controvérsia no campo do testemunho histórico. Todavia, ele percebeu que o seu próprio caráter estava sendo atacado juntamente com a mensagem de Cristo. A régua que avalia um pregador hoje é, pelo menos em parte, a mesma da época de Paulo. Para ser eficaz, o pregador deve mostrar em seu modo de vida aquilo que ele recomenda aos seus ouvintes. Enquanto enfatizava o conteúdo de sua mensagem, Paulo ousou oferecer-se como personificação dela.

Depois de examinar a antiga aliança compa-

rando-a com a nova, o apóstolo declarou que “todos nós”, observando a santidade do Senhor Jesus Cristo, “somos transformados, de glória em glória” (3:18). As acusações feitas ao apóstolo estavam nas entrelinhas da alegre proclamação: “somos transformados”. Apesar de os oponentes que queriam impor a lei usarem de insinuações, Paulo apelou para sua própria integridade. Nada na maneira como o apóstolo apresentou o evangelho em Corinto poderia ser rotulado de “astúcia” (veja 4:2). Ele se apresentou como exemplo a ser avaliado pela consciência de todos.

Os preceitos que ele apresentou não estavam encobertos. Sua mensagem de um Salvador só estava encoberta para os que haviam sido cegados pelo diabo. Paulo era servo assim como Jesus. Aqueles que o acusaram tinham segundas intenções. A luz emergiu das trevas na pregação de Paulo. Era a verdade revelada por Deus.

“NÃO DESFALECEMOS” (4:1–6)

¹Pelo que, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos; ²pelo contrário, rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. ³Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto, ⁴nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus. ⁵Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de

Jesus. “Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.

Versículo 1. No capítulo 4, embora o apóstolo continuasse a usar pronomes no plural (“nós”, “nosso/a”), ele estava se defendendo. O sentido do primeiro versículo é, com efeito, **pelo que, tendo [eu] este ministério, segundo a misericórdia que [me] foi feita, não desfaleço**. Dadas as circunstâncias, o apóstolo viu-se obrigado a falar de si mesmo para a igreja em Corinto. Obviamente, Paulo esperava que os coríntios se juntassem a ele em seu ministério e em sua legítima defesa. No entanto, quando ele disse no versículo 2: “Rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam”, nas entrelinhas estavam as acusações pessoais que seus oponentes lhe fizeram. Depois de dizer o que era necessário a respeito da antiga e da nova aliança, o apóstolo passou a falar das implicações do que ele havia escrito a respeito de seu ministério pessoal. Ele sinalizou o redirecionamento de seu raciocínio com a expressão traduzida por “pelo que”, ou seja, “por essa razão” (διὰ τοῦτο, *dia touto*).

Ao escrever 2 Coríntios, Paulo usou a palavra *diakonia* (“ministério”) doze vezes. Ele identificou que “o ministério da morte” foi “gravado com letras em pedras” (3:7). A antiga aliança era um “ministério de condenação” cuja glória servia apenas para destacar o esplendor muito maior da nova (3:9). O “ministério” que Deus deu a Paulo era “o ministério do Espírito” (3:8). Deus ministrou a Israel, servindo à nação, oferecendo-lhes a direção da lei. No entanto, o pecado prevaleceu. A lei, destinada a dar vida, resultou em tornar o pecado ainda mais aparente (Romanos 5:20; 7:5). Deus, em Sua graça, nos alcançou além da lei, enviando o Seu Filho para pagar o preço do pecado. Por intermédio do Filho, a graça de Deus se estendeu a todos os seres humanos. Os oponentes de Paulo queriam manter a exclusividade da antiga aliança, a lei dada a Israel por intermédio de Moisés. Deus revelou a Paulo que, em Cristo, Ele abriu a porta para a salvação universal.

Referindo-se ao esplendor da revelação de Deus em Cristo (veja 3:18), Paulo lembrou a si mesmo e a seus leitores que “este ministério” era resultado da “misericórdia” de Deus. Era praticamente como se o apóstolo estivesse dizendo palavras tranquilizadoras para si mesmo. Ele se lembrou dos motivos

por que não deveria desfalecer, e nisto encontrou encorajamento. A “misericórdia” que o apóstolo recebera (4:1) pode ser uma referência ao aparecimento do Senhor a ele na estrada para Damasco (Atos 9:3, 4). Visto que ele fora escolhido por Deus para um ministério único (Gálatas 1:15, 16), como poderia desanimar? Deus o alistou numa grande batalha. O risco de morte que ele sofreu em Éfeso, as críticas de falsos irmãos, o ódio da comunidade judaica – nada disso faria Paulo renunciar à sua herança com Cristo.

Versículo 2. As palavras do apóstolo teriam parecido excessivamente defensivas, se ele não estivesse se dirigindo a acusações reais da parte de seus oponentes. Sempre que necessário, Paulo se defendia. Poucas coisas eram mais importantes para Paulo do que sua posição como um homem íntegro. É tentador ver as acusações feitas contra Paulo em sua “triste visita” refletidas nas palavras: **pelo contrário, rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam**. A palavra que Paulo usou traduzida por “vergonhosas” (αἰσχύνη, *aischunē*) é a mesma traduzida por “envergonhado” em Lucas 14:9. Na parábola de Lucas 14:7–11, Jesus estava ilustrando o significado de vergonha contando a história de um homem que queria se sentar num lugar de honra num banquete festivo. Quando o anfitrião lhe pedisse para ir se sentar num lugar inferior por causa de um convidado mais importante, o Senhor disse que o homem iria ocupar o último lugar “envergonhado”.

“Vergonha” no mundo greco-fônico de Paulo tinha pouco a ver com um sentimento interior de aversão a si mesmo. Era uma palavra usada pela comunidade; significava suportar a desgraça pública. Apesar de estar enfatizando a coerência entre a pessoa interna e o comportamento exterior, o apóstolo não estava minimizando a importância do comportamento e da reputação individual. A fala, a roupa e outros aspectos do comportamento têm muito a ver com a influência (veja Romanos 14:21).

Tudo indica que uma pessoa tinha levantado oposição contra o apóstolo (2 Coríntios 2:6, 7), mas ele estava ciente de sua vulnerabilidade a calúnias. Esses oponentes, sem dúvida, traçaram semelhanças entre o trabalho do apóstolo e o dos filósofos pagãos. Ele estava consciente da comparação e decidido a tomar distância desses filósofos. Ao contrário dos sofistas pagãos, Paulo “exerceu sua autoridade não para obter submissão ao seu

senhorio sobre as igrejas, mas para buscar comunhão com elas”¹.

O ministério que Deus deu a Paulo visava abençoar a humanidade. Nada no caráter do apóstolo permitiria que ele recorresse aos métodos enganosos praticados por filósofos itinerantes do mundo grego. Ele não usou de truques, nem de **astúcia**, em seus métodos. E afirmou que não estava **adulterando a palavra de Deus** para se beneficiar ou tirar proveito. Paulo agiu com honra, boa consciência, sem vergonha.

O escritor dessa carta era um homem fiel à sua própria “consciência”. **Pela manifestação da verdade**, ele se recomendou à **consciência de todo homem, na presença de Deus**. A palavra “consciência” ocorre dezenove vezes em suas cartas. Na visão dos contemporâneos do apóstolo, “consciência” implicava uma orientação social mais do que para nós, leitores modernos. Qual era a “consciência” de cada homem a quem Paulo se recomendou? Ele parecia se referir à avaliação que faziam de sua pessoa com base na observação de sua conduta. Não viram nele nenhum engodo, nenhuma hipocrisia e nenhum interesse em tirar proveito pessoal; descobriram que ele era exatamente como se apresentava. Sabiam que suas palavras e atos eram os de um homem íntegro. Embora seja possível separar teoricamente a mensagem do mensageiro, Paulo entendia que os dois são inseparáveis. Sua mensagem era verdadeira e ele se empenhava conscientemente em viver a mensagem que ensinava.

Versículo 3. Anteriormente, Paulo havia dito que um véu permanecia cobrindo os olhos dos judeus quando liam a lei nas sinagogas (3:14). Eles se recusaram a aceitar que Deus estava oferecendo ao mundo uma mensagem que igualava gregos e judeus. Parece que os oponentes de Paulo o acusaram de velar ou ocultar *sua* mensagem numa linguagem que estava além da compreensão. Paulo contestou: não havia nada de enganoso ou oculto nem em Paulo nem no evangelho que ele anunciava. Somente os que estavam se enganando a si mesmos é que viam fraude nas palavras de Paulo. **Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto**, acrescentou ele, **é para os que se perdem que está encoberto**.

O apóstolo convidou todas as pessoas a exa-

minarem a ele e à sua mensagem, tanto os irmãos a quem ele ensinara em Corinto como os cristãos judeus que exigiam que os gentios obedecessem à lei. Ele pediu a seus oponentes que o avaliassem nos quesitos: fidelidade, simplicidade e transparência. O apóstolo não ficou surpreso por que, para alguns, o que ele pregava parecia encoberto. De fato, alguns achavam o evangelho misterioso. Isso acontecia aos que haviam decidido viver em pecado, os quais estavam “se perdendo” em rebelião contra Deus. O evangelho que o apóstolo pregava tinha cheiro de morte para os que pertenciam a essa categoria (2:16).

Versículo 4. Nada inerente ao evangelho o mantém encoberto ou oculto. As boas novas consistem numa mensagem simples sobre o amor de Deus por Seu povo e Sua graça ao mandar Jesus Cristo. Se há algo oculto, é somente para os que estão perecendo por terem optado por ouvir o diabo. A designação de Satanás como **o deus deste século** só ocorre aqui no Novo Testamento. Com essa expressão, Paulo estava observando que seus contemporâneos serviam Satanás como se ele fosse um deus. Seguiam as mentiras de Satanás sem questionar. Paulo já havia dito: “Não lhe ignoramos os desígnios” (2:11). As pessoas optam por ignorar os desígnios de Satanás e, conseqüentemente, são enganadas. Em 6:15, o apóstolo chamou aquele que fala mal de Deus aos homens e vice-versa de “Belial” (ARC).

Paulo disse que Satanás **cegou o entendimento dos incrédulos**. O apóstolo não atribuiu a incredulidade ou qualquer outro pecado aos propósitos predeterminados de Deus. A passagem não ensina que a incredulidade é o resultado da depravação humana inerente ou o desígnio soberano de Deus. A incredulidade resulta de pessoas preferirem “o deus deste mundo” no lugar do Pai celestial. J. Paul Sampley observou:

Satanás nunca tem o papel nas cartas de Paulo de um bode expiatório para justificar os erros dos crentes. Em vez disso, há referências a Satanás advertindo os crentes a não se deixarem seduzir pelas ciladas de Satanás, a não voltarem à antiga servidão ao pecado. A responsabilidade humana e, em casos de falha moral, a culpabilidade humana são pedras angulares no mundo do pensamento de Paulo. Todo indivíduo deve assumir a responsabilidade por suas decisões e atos.²

¹George Eldon Ladd, *Teologia do Novo Testamento*. Trad. Degmar Ribas Jr. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 535.

²J. Paul Sampley, *Walking Between the Times: Paul's Moral Reasoning*. Minneapolis: Fortress Press, 1991, p. 27.

Paulo continuou a usar a metáfora da cegueira. “Para que lhes não resplandeça” traduz a frase *μη ἀυγάσαι* (*mē*, “não”, e *augasai*, figuradamente “ver”, um infinitivo aoristo de *ἀυγάζω*, *augazō*, “resplandecer, brilhar”). Não está claro se o verbo está na voz média ou ativa. A expressão só aparece aqui no Novo Testamento, dificultando ainda mais a interpretação. Se for na voz ativa, o sentido é que Satanás cega “o entendimento dos incrédulos” para que não vejam a luz, como diz a versão aqui adotada: **para que lhes não resplandeça** [ou seja, para que fiquem cegos para] **a luz do evangelho da glória de Cristo**. No entanto, se o verbo grego estiver na voz média, o significado é que a própria luz os cega. Esse pensamento leva à paráfrase “para que a luz do evangelho os cegue”.

A tradução ARA apresenta em 4:3 e 4 uma dificuldade teológica. Coloca os incrédulos à mercê do “deus deste mundo”, sugerindo que o pecador não tem escolha entre a fé e a incredulidade. No entanto, Paulo ensinou que o poder de Satanás no mundo é produto da rebelião humana (2:11). O poder de Satanás não atua à revelia do pecado humano ou da soberania de Deus. Satanás afirmou ter poder em questões humanas quando disse a Jesus: “Dar-te-ei toda esta autoridade e a glória destes reinos, porque ela me foi entregue, e a dou a quem eu quiser” (Lucas 4:6). Essa afirmação tinha algum fundamento, na melhor das hipóteses. Desde a vinda de Cristo, o poder de Satanás foi se restringindo. A vitória do bem foi determinada pela ressurreição. Satanás só pode cegar quando a pessoa opta por não ver.

Afirmar que Cristo é **a imagem de Deus** não implica que Ele seja uma divindade menor, num sentido menos pleno que Deus. Jesus carrega em Si a plena semelhança com Deus. Essas palavras expressam a confiança de Paulo na divindade de Cristo; elas não O relegam a uma posição secundária. O apóstolo declarou em outro lugar: “Este é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação... Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste” (Colossenses 1:15, 17).

Versículo 5. O apóstolo continuou a defender seu ministério, como havia começado em 4:1. Foi somente a calúnia de seus oponentes que o levou para a direção que sua autodefesa tomou. Pregação, no pensamento de Paulo, não era uma questão de engrandecimento do pregador. Apesar do que seus críticos disseram, ele não participava de engodos nem alteraria o conteúdo do evangelho.

Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor, disse ele. Cristo foi e continuaria a ser o foco de sua mensagem.

As igrejas tendem a recompensar pregadores que se promovem. Paulo declarou que qualquer mensagem que chame a atenção para o pregador e não para Cristo está equivocada. Inerente às palavras de Paulo estava um apelo para que os leitores o julgassem por si mesmos. Ele e a igreja de Corinto não eram estranhos um ao outro; ele estivera com eles por um ano e meio. Mesmo depois de ir servir em outra localidade, Paulo manteve intenso contato com esses cristãos. Ele parecia estar convidando seus leitores a comparar sua conduta com a dos mestres que haviam chegado recentemente a Corinto, em franca oposição ao apóstolo.

A conduta do pregador deve ser levada em conta por quem está avaliando seu caráter e até mesmo a veracidade de sua mensagem. Em vez de desejar exercer um senhorio sobre a igreja, Paulo se satisfazia em ser ele mesmo e seus companheiros de trabalho **servos, por amor de Jesus**. A palavra grega traduzida por “servos”, *δοῦλος* (*doulos*), significa “escravo”, aquele que pertence a outro. Assim como era escravo ou “servo” de Jesus Cristo (veja Romanos 1:1; Filipenses 1:1), Paulo também era escravo do povo de Deus. Ele podia se referir a si mesmo e aos outros como “ministros” ou “servos” (*διάκονοι*, *diakonoi*)³, mas ele também não evitou a palavra mais forte, “conservos” ou “escravos”.

Versículo 6. A NVI associou a afirmação de Paulo com Gênesis 1:3, traduzindo-a com um imperativo: “Das trevas resplandeça a luz”. Se for essa a intenção do autor, Paulo estava dizendo que, ao enviar Cristo, Deus fez a luz entrar no mundo. Esse pensamento não é estranho no Novo Testamento (João 1:5); no entanto, Paulo usou o verbo no futuro (*λάμψει*, *lampsei*, “resplandecerá”). A versão mais livre da NTLH diz: “que da escuridão brilhe a luz”. No pretérito, a afirmação se assemelha a Isaías 9:2: “O povo que andava em trevas viu grande luz”. Jesus citou esta passagem em Mateus 4:15 e 16 e aplicou-a a Si mesmo:

Terra de Zebulom, terra de Naftali, caminho do mar, além do Jordão, Galileia dos gentios! O povo que jazia em trevas viu grande luz, e aos que vi-

³ “Servos” (*diakonoi*) é uma palavra relativamente suave. Não deve ser confundida com “escravo” ou “conservo” (*doulos*).

viam na região e sombra da morte resplandeceram a luz.

A flexão do verbo no futuro e a alusão a Isaías 9:2 levam ao pensamento de que Cristo **resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo**. Em vez de se referir à criação, Paulo provavelmente se referia à conversão a Cristo. A conversão a Cristo exige que as pessoas tenham a mente aberta para que, por meio do evangelho pregado, Ele ilumine seus corações. O resplendor de Cristo no coração daqueles que aprenderão a verdade do evangelho resulta no “conhecimento da glória de Deus”. Ao conhecer a glória de Jesus Cristo, as pessoas podem se converter a Deus por meio dEle. A conversão não deve ser reduzida a uma experiência emocional. Ela envolve a mente.

UM TESOURO EM VASOS DE BARRO (4:7–12)

Os questionamentos dos críticos de Paulo, provavelmente, se concentravam em vários tópicos. Parece que estavam lançando perguntas do tipo: “Se você foi escolhido por Deus para pregar a Cristo, se a sua mensagem, se a sua mensagem é a revelação imperativa que Deus deu para os gentios serem salvos, por que o seu empenho é tão pouco?”; “Por que Deus permitiu que você sofresse humilhação e derrota nas mãos de Demétrio em Éfeso?”; “Por que você foi levado a praça pública e açoitado?”; “Por que Deus não protegeu você?” Não devemos tratar essas perguntas com leviandade. Elas atormentam cristãos em face de tragédias como a morte de um filho, o fim de um casamento ou a perda de um emprego. Por que muitas vezes parece que Deus não está atendendo às necessidades de Seu povo?

Uma resposta que Paulo teria dado a essas perguntas é que o sofrimento é causado pelo mal presente no mundo e é inerente à aceitação do evangelho. Seguindo o exemplo de Jesus, os cristãos veem vitória no que os inimigos de Deus chamam de derrota. Em 1 Coríntios 1:23, Paulo disse que o “Cristo crucificado [é] escândalo para os judeus, loucura para os gentios”. Gerações após a morte de Jesus, romanos já se referiam a Jesus com menosprezo como um camponês que fora crucificado por um dos seus governadores, Pôncio Pilatos⁴. Na opinião deles, a ideia de que um

homem crucificado pudesse ser o Filho de Deus era motivo de riso. Em contraste com isto, Paulo procurou honrar a Jesus e não conhecia nenhuma maneira de honrá-lo mais do que seguir Seus passos. O mundo não pode derrotar aqueles que estão dispostos a sofrer pela fé. Quando o cristão sofre por fazer o que é certo, isso não deve ser atribuído à negligência de Deus. O próprio sofrimento é o aliado do crente ao contrastar a bondade de Deus com a maldade do mundo.

⁷Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós. ⁸Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; ⁹perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos; ¹⁰levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a Sua vida se manifeste em nosso corpo. ¹¹Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal. ¹²De modo que, em nós, opera a morte, mas, em vós, a vida.

Versículo 7. No mundo de Paulo, uma incrível variedade de objetos eram feitos de barro cozido: telhas, manilhas para drenagem, vasos de cozinha, panelas, lâmpadas, formas, jarros e vasos decorativos. Cerca de oito séculos antes da época de Paulo, Corinto liderava a lista das principais cidades gregas que comercializavam cerâmica de barro por toda a bacia do Mediterrâneo. Sítios arqueológicos no Oriente Próximo estão repletos de fragmentos de cerâmica grega. Milhares de potes de barro decorados com temas mitológicos sobreviveram em tumbas antigas e em outros lugares, sendo, atualmente, exibidos em museus. A argila era abundante e a fabricação de vasos era barata. A mesma porção de argila, dependendo de como fosse moldada, poderia tornar-se um vaso de grande valor ou um objeto de pouco valor (veja 2 Timóteo 2:20).

Paulo descreveu o corpo humano como um vaso de barro ou argila, comum e dispensável: **Temos, porém, este tesouro em vasos de barro**. O apóstolo não poderia esquecer o paradoxo de que dentro desse vaso de barro, a sua própria carne, ele carregava o maior tesouro de que já se tomou conhecimento: o evangelho de Jesus Cristo. Ele reconheceu que o valor e a grandeza do tesouro estavam na mensagem, não nele mesmo nem em

⁴Essas referências encontram-se em escritos do início do segundo século, incluindo os *Annais* 15.44.2–8, de Tácito.

nenhum homem que proclamasse o evangelho. Ele confessou: **para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós**. A mensagem do evangelho era como um lote de joias depositado dentro de um pote comum. Se o apóstolo morresse antes da volta do Senhor, a mensagem da redenção em Cristo sobreviveria nos ensinamentos transmitidos por outros.

Versículo 8. Esta seção da carta de Paulo, 4:7-9, é uma declaração eloquente da glória e das adversidades que acompanharam seu ministério. Extraindo forças de Cristo, o apóstolo encontrou grande consolação no tesouro que Deus lhe deu para levar num vaso de barro. Pela graça de Deus, apesar de ser **em tudo... atribulado**, o apóstolo não ficou **angustiado**. Ele continuava a trabalhar confiante de que a vontade de Deus agia em sua vida. Ele perseverou diante de pressões que poderiam angustiar alguém com menos determinação.

Jesus morreu na cruz, mas Deus O ressuscitou para reinar à Sua direita. Por isso, o apóstolo recusou-se a desistir mesmo quando **perplexo** (*ἀπορούμενοι*, *aporoumenoi*) com o comportamento de seus companheiros judeus ou dos pagãos a quem pregava (4:8b). As dúvidas e brigas de outros crentes nunca levaram o apóstolo a ficar **desanimado** (*ἐξαπορούμενοι*, *exaporoumenoi*). Durante toda a tumulto, Paulo confiou em Cristo, seu Amigo e Consolador. A vitória dos cristãos é assegurada pela certeza de que o Senhor voltará. Paulo sabia que os fiéis herdarão a vida eterna e os corruptos de coração serão separados da presença do Senhor.

Versículo 9. Embora **perseguido**, Paulo encontrou conforto em saber que Cristo estava ao seu lado. Ele nunca esteve **desamparado**, jamais abandonado. Mesmo à beira da morte, **abatido** pela humilhação, o Senhor não permitiu que ele fosse **destruído**. Na fraqueza de Paulo, Jesus o tornou forte. O apóstolo parecia nunca esquecer que estava seguindo os passos de Jesus. O próprio Senhor foi crucificado de um modo vergonhoso, mas, por meio de Sua morte, Ele derrotou Satanás. A glória do ministério de Paulo estava no fato de que ele transmitia os ensinamentos de Jesus, mas também participara dos sofrimentos de Cristo. Ele jamais pensou em abandonar seu ministério. Naquilo o mundo viu como fraqueza, o apóstolo encontrou força.

Paulo evidentemente gostava de expressar seu trabalho empregando termos paradoxais. Muitas

vezes, ele esteve atribulado, mas o Senhor não permitiu que ele focasse angustiado. Ele pode ter reagido a algumas circunstâncias com perplexidade, mas Jesus não permitiu que ele ficasse sobrecarregado. A oposição de incrédulos e falsos irmãos por vezes culminou em perseguição; mas quando mais precisou de consolo, ele o recebeu do Senhor. Inimigos o espancaram, aprisionaram e até o apedrejaram; mas jamais puderam deter seu trabalho.

Versículo 10. A constante ameaça de morte sob a qual Paulo viveu fez o apóstolo levar **no corpo o morrer de Jesus**. Ele sempre esteve ciente da natureza paradoxal da vida em Cristo. Para ele, como para todo cristão, Jesus deu uma missão que exigia abnegação. A mensagem do evangelho produz alegria e vida. O fardo que Cristo colocara sobre Paulo muitas vezes o privou de conforto, mas Paulo não se queixava. O apóstolo sofreu por Cristo para que “o morrer de Jesus” e **a Sua vida se manifest[asse] em [seu] corpo**. Observamos que no texto grego, “o morrer de Jesus” e “a Sua vida” se classificam como “genitivo objetivo”, ou seja, o sujeito era a vida e a morte reais do próprio Jesus, e não eventos causados por Ele.

Em João 12:24 e 25, Jesus abordou os mesmos paradoxos que Paulo viu diante de si. O Senhor disse a Seus discípulos que o “grão de trigo” tem que morrer para que ocorra o processo de germinação de um novo broto e, assim, mais grãos. Morte, fraqueza, doação e abnegação são os caminhos da *vida*. Paulo levava no corpo a morte para que tivesse *vida*. Esse conceito nunca teria ocorrido a um grego ou romano instruído. A reconciliação, ensinou Jesus, começa morrendo-se para si mesmo. Deus reconciliou Paulo consigo mesmo por meio da expiação vicária de Cristo. À medida que Paulo ia participando do sofrimento do Senhor, este se tornou parte de sua reconciliação com Deus.

Versículo 11. No intuito de esclarecer seu raciocínio, Paulo repetiu a ideia que acabara de expor. Sua vida estava sendo **sempre entregue à morte por causa de Jesus**. Essa sentença de morte fazia com que ele expusesse a vida e morte de Jesus de uma forma que atraía ouvintes (cf. João 12:32). “Somos entregues a” traduz *παραδίδωμι* (*paradidōmi*). Nos Relatos do Evangelho, essa mesma palavra é usada para a traição de Jesus. Judas perguntou aos principais sacerdotes: “Que me quereis dar, e eu vo-lo entregarei [flexão de *paradidōmi*]?” (Mateus 26:15). Paulo enfrentou a morte espelhando-se em Jesus.

O apóstolo declarou que **a vida de Jesus** estava sendo **manifest[ada] em [sua] carne mortal**. A própria vida dele era um testemunho ao mundo da vida de Jesus. Paulo não estava se queixando, e sim explicando a solidariedade de sua vida com a do Senhor. O exemplo de Paulo beneficiou os cristãos coríntios, e ele os incentivou a imitarem a Jesus assim como viram a vida do Senhor exemplificada na sua. O apóstolo nunca insinuou que a vida em Cristo significaria prosperidade econômica, boa saúde, vida longa, ou respeito dos ímpios. Essas bênçãos só são garantidas aos crentes pelos que mercadejam o evangelho. Ao contrário disso, assim como o Mestre sofreu, Seus servos devem suportar o fardo que acompanha a justiça (João 15:20).

Versículo 12. Paulo estava disposto, e até ansioso, a viver sob a sentença de morte para que os coríntios e todos os cristãos tivessem vida. O contraste era inevitável: **De modo que, em nós, opera a morte, mas, em vós, a vida**. Para se ter vida em Cristo, deve-se primeiro tomar uma decisão consciente de morrer para os valores do mundo. Paulo se sujeitou à morte para que outros pudessem viver. Da mesma forma, eles precisariam encontrar a vida fluindo da morte ao se espelharem no Senhor.

TRIBULAÇÕES MOMENTÂNEAS (4:13–18)

A pergunta ao missionário que tudo abandonou para pregar a Cristo em terras estrangeiras era: “Por quê?” Paulo sentiu a urgência dessa pergunta. A vida diária normal continuava para os crentes nas igrejas da Acaia e de outras localidades, porém, o destino do apóstolo parecia ser sempre cheio de tribulações. Por que Paulo vivia sempre confrontado pelo perigo? O que o fazia seguir em frente? Mais adiante na carta, ele revelou que essa questão ainda estava em seus pensamentos: “Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram” (5:14). Por ora, outras respostas à pergunta “Por quê?” fervilhavam sua mente.

¹³**Tendo, porém, o mesmo espírito da fé, como está escrito:**

Eu cri; por isso, é que falei.

Também nós cremos; por isso, também falamos,
¹⁴**sabendo que Aquele que ressuscitou o Senhor Jesus também nos ressuscitará com Jesus e nos apresentará convosco.** ¹⁵**Porque todas as coisas existem por amor de vós, para que a graça, multi-**

plicando-se, torne abundantes as ações de graças por meio de muitos, para glória de Deus.

¹⁶**Por isso, não desanimamos; pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia.** ¹⁷**Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação,** ¹⁸**não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas.**

Versículo 13. A força motriz do apóstolo era o desejo que o compelia a falar. Vasculhando mentalmente trechos das Escrituras, ele encontrou as palavras que queria: **Eu cri; por isso, é que falei** (veja Salmos 116:10). Ele agora falava se espelhando em Cristo.

Por que o Senhor veio à terra? Por que Ele sofreu rejeição? Por que morreu na cruz? Deus amou o mundo de tal maneira que deu Seu Filho (João 3:16); Paulo, como muitos outros, cria que precisava falar! Por meio do Espírito Santo, o Filho de Deus incluiu na fé cristã um ímpeto missionário essencial. Nós cremos; por isso é que falamos.

Foi por causa dos coríntios e de outros perdidos no pecado que Paulo falou. Como resultado da pregação de Paulo, a vida chegou a esses irmãos. Os sofrimentos do apóstolo eram um pequeno preço pelas bênçãos que a família humana pôde vir a conhecer em Cristo. Paulo sabia que o pecado exigia um preço. Ele sabia que o Senhor voltará e que cada pessoa prestará contas ao Juiz do universo. Paulo creu no testemunho de Cristo, por isso ele não podia deixar de falar.

Apesar da perseguição, Paulo continuou a anunciar o que ele sabia que era a verdade: Jesus de Nazaré era completamente homem e completamente Deus. Ele era o filho de Maria, mas ao mesmo tempo era o Filho de Deus. Deus falou por meio dEle e Ele viveu sem cometer pecados. Jesus morreu a fim de redimir a família humana para Deus. O aroma do Cristo ressuscitado sempre permeou o ensino do apóstolo (2:14–16). Tal como o salmista, Paulo e seus companheiros pregavam o que criam. **Também nós cremos**, disse o apóstolo, **por isso, também falamos.**

A convicção precede o falar; e deve, se Cristo vive em nossos corações. Para Paulo e outros que anunciavam a Cristo, o evangelho não deixava espaço para a indiferença. Os evangelistas ousam

falar da salvação sendo eles próprios participantes da salvação que anunciam aos outros. A disposição do salmista é a de engajamento pessoal.

Paulo citou Salmos 116:10 segundo a versão da LXX. (O texto hebraico e a LXX diferem na numeração; Salmos 116:10 no texto hebraico corresponde a Salmos 115:1 na LXX.) Ao empregar a expressão **como está escrito**, o apóstolo não estava afirmando que as palavras do salmista eram especificamente sobre ele e seus companheiros. Salmos 116:10 não fala da pregação do evangelho, mas as palavras do salmista se ajustavam bem à missão de Paulo. O apóstolo entendeu que **o mesmo espírito** [de] fé do salmista também estava nele. O espírito de fé, tanto para o salmista quanto para Paulo, foi a força propulsora não material e proveniente de Deus que lhes deu coragem para anunciar o que criam.

Às vezes, a sabedoria deve se tornar conhecida sufocando opiniões precipitadas (Provérbios 10:19); a insensatez e a desgraça podem assediar o homem que conhece a verdade e se recusa a falar. A ignorância e o mal prevalecem quando os bons não dizem nada. A Bíblia nos adverte do perigo de palavras precipitadas (Tiago 3:6), mas o silêncio nem sempre ajuda.

Versículo 14. O apóstolo continuou a se reportar às perguntas com “Por quê?”. “Por que sofrer?”; “Por que suportar ser entregue à morte por causa de Jesus?” A resposta era para os remidos; só eles estavam aptos a entendê-lo. O ato gracioso de Deus de mandar um Redentor o compelia a falar. A resposta era suficiente, mas a motivação de Paulo era mais profunda. Fora-lhe revelado que a ressurreição de Jesus precipitou a ressurreição de todos que cressem. Em 1 Coríntios 15:22 e 23, Paulo se referiu a Jesus como “as primícias” daqueles a quem Deus ressuscitaria dos mortos. Por causa da ressurreição do **Senhor Jesus**, disse Paulo com toda a confiança, **também nos ressuscitará com Jesus e nos apresentará convosco.**

Entre os cristãos que previam a ressurreição dos mortos estava o próprio Paulo. Os coríntios eram participantes com ele na família de Deus. O apóstolo não fez nenhum esforço para esconder que a igreja em Corinto e em todos os lugares tinha um lugar especial em seu coração. Ele e os coríntios tinham um destino em comum. Todos compareceriam juntos perante o Senhor na Sua volta. No espírito do salmista, Paulo suportou dificuldades por causa de sua fé. Movido pelo desejo de com-

pletar a obra de Cristo, ele acolheu os gentios no reino de Deus. O apóstolo fez uma transição da defesa de seu ministério para uma explicação da força motivadora por trás de seu empenho, prosseguindo, a seguir, para o comparecimento no tribunal de Cristo ao lado dos que tinham a mesma fé.

Versículo 15. Confiante nos laços que o tempo tinha forjado entre ele e os irmãos coríntios, o apóstolo lembrou-lhes que todas as suas tribulações foram **por amor** a eles e a outros como eles. As perspectivas de sofrimento não serviam a ambições pessoais. Os coríntios eram um testemunho das bênçãos de Deus e da abnegação do ministério de Paulo. Ele estava cheio do otimismo comum àqueles que se engajam uma nova e ousada missão, que promete transformar a condição humana. A mensagem da graça de Deus estava se **multiplicando**, ou seja, alcançando **muitos**. Deus agira em Cristo e continuava a agir por meio do Espírito Santo na obra dos apóstolos e profetas. Por causa dessa atividade divina, tornaram-se **abundantes as ações de graças... para [a] glória de Deus.**

Esse otimismo para com o movimento inevitável do evangelho aparece em outras partes do Novo Testamento.

A igreja, na verdade, tinha paz por toda a Judeia, Galileia e Samaria, edificando-se e caminhando no temor do Senhor, e, no conforto do Espírito Santo, crescia em número (Atos 9:31).

...em todo o mundo, é proclamada a vossa fé (Romanos 1:8).

...também, em todo o mundo, está produzindo fruto e crescendo... (Colossenses 1:6).

Pedro consolou seus leitores, lembrando-lhes de que sofrimentos iguais aos deles estavam-se “cumprindo na vossa irmandade espalhada pelo mundo” (1 Pedro 5:9). Quando cristãos sem empenham em pregar a mensagem de Cristo, Deus abençoa a proclamação. Quando a mensagem de Cristo se torna obsoleta, o otimismo morre.

Versículo 16. Pela segunda vez, o apóstolo assegurou a si mesmo e aos seus leitores: **Por isso, não desanimamos.** Neste versículo e em 4:1, “não desanimamos” traduz οὐκ ἐγκακοῦμεν (*ouk enkakoumen*). Esse verbo, em suas várias formas, ocorre seis vezes no Novo Testamento, todas nas cartas de Paulo, com exceção de Lucas 18:1. Em todas as ocorrências, ele vem precedido de negação. O “deus deste século” (4:4) havia trazido tribulações para opressoras ao apóstolo desde o

início de seu ministério. Desde a fuga num cesto descido pela muralha de Damasco (11:32, 33) até a luta mais recente contra as “feras” em Éfeso (1 Coríntios 15:32), a mensagem do apóstolo sempre encontrara resistência. A igreja em Corinto era uma preocupação constante. Fisicamente, ele estava sentindo o desgaste. Mesmo assim, Paulo não se rendeu às adversidades.

Mesmo que o nosso homem exterior se corrompa [“se desgaste”; NAA], disse ele, **o nosso homem interior se renova de dia em dia**. Ou seja, o corpo físico pode se desgastar, importunado pela oposição do mundo; mas o espírito é sustentado pelo poder capacitador do Espírito Santo. A expressão “homem exterior” equivale a “vasos de barro” em 4:7 e a “carne mortal” em 4:11. A intensidade do esforço físico (veja 11:23–27) e o esgotamento emocional das adversidades nas igrejas (veja 11:28, 29) desgastaram o apóstolo. Mesmo assim, em face das contínuas tribulações, Paulo jamais se rendeu à autocomiseração. O Senhor sempre proveu refrigério para o seu eu interior. Paulo disse que sua renovação acontecia *ἡμέρα καὶ ἡμέρα* (*hēmerai kai hēmera*), “de dia em dia”. O Cristo ressuscitado jamais o negligenciou.

Comentando Filipenses 1:3–11, Stephen E. Fowl expressou a mesma noção de renovação que, em 2 Coríntios 4:16, Paulo disse encontrar em Jesus e no Espírito. “A participação no evangelho”, disse ele, “é marcada não tanto por um único ponto, mas por um processo através do qual somos transformados e atraídos para uma comunhão cada vez mais profunda com Deus e com nossos semelhantes”⁵. Segundo Paulo, pertencer a Cristo, mais do que um momento de conversão, consistia numa série contínua de transformações. Por meio do novo nascimento, o crente participa da morte e nova vida em Cristo; mas pertencer a Cristo envolve mais. É uma renovação contínua. A confiança de Paulo em Deus estava sempre em evolução. Por ser um processo sem fim, ele não permitiria que o “deus deste século” o fizesse desanimar (4:4). Ele queria que os coríntios soubessem que ele não desistiria. Paulo pretendia visitá-los mais uma vez.

Versículo 17. Prossequindo sua exposição do contraste entre o homem exterior e o homem interior, Paulo minimizou a **tribulação** causada pelo

⁵Stephen E. Fowl, *Philippians, The Two Horizons New Testament Commentary*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2005, p. 26.

deus deste século. Qualquer coisa que o diabo traga é **leve e momentânea** quando comparada ao “eterno peso de glória” à espera dos redimidos. Paulo não desanimou; seu homem interior estava sendo renovado dia a dia. Ele depositara sua firme confiança em Deus; o que quer que acontecesse neste mundo pouco importava. A oposição de homens ímpios estava **produz[indo]... eterno peso de glória, acima de toda comparação**.

Talvez Paulo já estivesse formulando aqui sua grande declaração sobre a transição desta vida para a próxima, descrita mais adiante (veja 5:1–8). Ele parecia pensar nas tribulações que acompanharam sua pregação do evangelho como experiências preparatórias. Enquanto ele vivesse, as tribulações “produziriam” (de *κατεργάζομαι*, *katergazomai*, “causar..., realizar”⁶) resultados eternos positivos.

As palavras “acima de toda comparação” traduzem uma expressão incomum, *καθ’ ὑπερβολὴν εἰς ὑπερβολὴν* (*kath huperbolēn eis huperbolēn*). Philip Edgcumbe Hughes comentou que a expressão “provavelmente é uma combinação cujo propósito é intensificar a força”. Ele acrescentou que “essa combinação é colocada de modo a indicar claramente que há um constante *aumento* na intensidade da experiência”⁷. A palavra *ὑπερβολή* (*huperbolē*) foi usada em 4:7, onde é traduzida na ACF por “mui excelente”.

O apóstolo avaliou que o sofrimento desta era ou vida é momentâneo; a glória na era vindoura será eterna. A forma exata do sofrimento por ele suportado era secundária para a vitória sobre este mundo. Nem todo cristão é chamado para ser apóstolo. O conflito com o deus deste século é inerente ao seguidor do Cordeiro, mas os tipos e os níveis do conflito variam de cristão para cristão. O pecado está profundamente enraizado no mundo. No entanto, o sofrimento – seja ele físico ou mental – jamais triunfará porque o Senhor concede eterna renovação.

Versículo 18. Alguns ateus afirmam que sua rejeição à fé é uma conclusão bem analisada à qual chegaram sobre a natureza humana. Quando forçados a encarar as implicações da incredulidade,

⁶Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3a. ed., rev. e ed. Frederick William Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 531.

⁷Philip Edgcumbe Hughes, *Paul’s Second Epistle to the Corinthians*, *The New International Commentary on the New Testament*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1962, p. 158, n. 10.

eles confessam que ser humano significa ser capaz de desempenhar uma atividade cerebral que permite o pensamento abstrato. Os ateus veem a moralidade como nada mais que preferências pessoais.

Existem também os incrédulos funcionais. Estes pouco pensam na mortalidade humana e evitam avaliar qualquer revelação de Deus. Creem em Deus, mas vivem para o mero desfrute que a carne física proporciona. Vivem sem nenhuma das bênçãos da fé, embora possam recorrer a Deus em períodos de necessidade emocional. Inventam uma imagem de Deus que se adequa às suas crenças predeterminadas.

Quando **não atentando nós [cristãos] nas coisas que se veem, mas nas que se não veem**, avaliamos o valor da vida humana de um modo diferente dos ateus. Deus, em Sua graça, tomou a iniciativa de se revelar, se deixar ver, em Cristo. E Deus revelou mais a Paulo e a outros escritores do Novo Testamento, cujos escritos nos fazem conhecer a Deus e à esperança que nEle há. Paulo admitiu que Deus, o centro de sua esperança e confiança, está fora do nosso campo de visão normal; contudo, em Jesus de Nazaré, Deus viveu entre os homens. Assim como Paulo, todos os crentes devem reconhecer que as coisas **que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas**.

DESTAQUES

“Pelo que, tendo este ministério” (4:1)

Usar o nome de Cristo é aceitar uma missão, entrar num ministério e aderir à servidão. Enquanto os cristãos muitas vezes se empenham muito para convencer pessoas de que devem confessar a Jesus e obedecer ao evangelho, Jesus às vezes quase parece desanimar Seus seguidores. Ele disse, com efeito: “Venha a Mim somente se estiver pronto para assumir o estilo de vida que aceitei. O Filho do Homem veio para servir, não para ser servido”. (Veja Mateus 20:28; Marcos 10:45.)

Em Lucas 14, Jesus contou duas parábolas. Uma era sobre um homem que começou a construir uma torre, mas não conseguiu acabá-la. A outra parábola era sobre um rei que calculou o custo cuidadosamente antes de enfrentar um inimigo na batalha. Jesus queria que Seus seguidores soubessem o que segui-LO envolveria. O Senhor falou claramente: “E qualquer que não tomar a sua cruz e vier após mim não pode ser Meu discípulo” (Lucas

14:27).

Séculos após a morte de Jesus, muitos já não se lembram bem dos ensinamentos de Jesus. Hoje, grande parte dos cristãos associa “ministério” a ser pregador. No Novo Testamento, partilhar o evangelho era um modo de vida que se esperava ver em todo crente. Nesse sentido, o ministério é fundamental para quem quer ser um seguidor de Cristo. As cartas de Paulo mostram que ele não se esqueceu de que Deus lhe havia dado uma missão. Em nenhum lugar ele deixou isso mais claro do que em 4:1–5.

Quando falou do seu ministério, Paulo recorreu à sua integridade pessoal. Era importante para o apóstolo que seus convertidos a Cristo entendessem que ele foi sincero em seus ensinamentos sobre Cristo. Paulo não estava servindo a si mesmo. “Pelo contrário, rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam”, escreveu ele, “não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade” (4:2). As palavras do apóstolo contêm um tom defensivo. Ele parecia estar ofendido com as acusações feitas contra ele por alguns oponentes. A alegação deles era que Paulo havia se aproveitado da ignorância ou credulidade de seus convertidos para proveito pessoal.

O apóstolo negou que seus métodos tivessem alguma semelhança com os dos mestres populares da época. Um dos contemporâneos de Paulo, Dio Crisóstomo, escreveu depreciando os sofistas que se reuniam em torno do templo de Poseidon durante os Jogos Ístmicos. Esses jogos eram patrocinados por Corinto e sediados a cerca de cinco quilômetros da cidade. O escritor descreveu a cena desta forma:

...podia-se ouvir sofistas miseráveis... gritando e xingando uns aos outros, e seus discípulos, como eram chamados, se debatendo, muitos escritores lendo em voz alta suas obras estúpidas, muitos poetas recitando seus poemas enquanto outros os aplaudiam...⁸

Assim como o apóstolo não quis elogios da jovem possessa em Atos 16:16–18, ele também não queria que ninguém o associasse aos filósofos populares nos jogos ou praças públicas.

⁸Dio Crisóstomo, *Discursos* 8.9.

A Integridade da Mensagem (4:3, 4)

Paulo estava disposto a pregar a verdade, sabendo que nem todos responderiam favoravelmente à sua mensagem. Seu conhecimento de Cristo o convenceu de que o Senhor não era infinitamente flexível: um crente deve se arrepender, abandonar o pecado para ser salvo. Como um homem íntegro, Paulo não mudaria a mensagem para ganhar seguidores. Ele escreveu:

Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto, nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo... (2 Coríntios 4:3, 4).

Nós, cristãos, cometeríamos um terrível erro se achássemos que a mensagem da cruz atrai a todos. Um erro pior seria tentar fazer essa mensagem atrair a todos. Assim como Jesus, Paulo expôs as exigências do evangelho.

Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus... É não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente... (Romanos 12:1, 2).

Ser cristão é ser fiel ao Senhor. Cristianismo é comunhão com o povo de Deus; é vida na igreja e adoração com Seus santos. Viver como cristão significa aceitar a ordenança de Deus de afastar o pecado de nossas vidas. Ser cristão é abraçar a missão da igreja. Ter Cristo como Senhor significa ter sede de almas. Significa falar da fé nEle, da vida nEle, da salvação nEle e da morte para o eu nEle. Todo cristão deve participar do ministério de Cristo. Ser cristão inclui ser fiel à família, trabalhar honestamente, ajudar o próximo e doar aos necessitados.

Quando o cristão é determinado e faz a vontade do Senhor, pode ser que o mundo tente desanimá-lo. Paulo disse que ele se recusou a se desanimar de fazer o que ele sabia ser certo. Ele era movido por princípios, não por conveniência. Muitas igrejas que ficam desesperadas para ter mais e mais membros, acabam comprometendo a mensagem do Espírito Santo e cedendo aos valores do mundo.

Das Trevas Resplandece a Luz (4:6)

Paulo encorajou seus leitores a serem fieis apontando para a criação. Ele disse que o próprio

Deus que deu origem à luz no início (Gênesis 1:3) estava agora fazendo resplandecer a luz nos corações dos crentes (2 Coríntios 4:6). Por mais difícil que seja negar a criação, disse Paulo, é igualmente difícil negar que Deus assumiu a forma humana na Pessoa de Jesus. Em Cristo, Deus irradiou luz em nossos corações. Jesus em carne não era uma ilusão. Deus era tão real para os cristãos em Corinto quanto o Filho de José e Maria.

Embora hoje usemos a palavra “coração” frequentemente com referência às emoções, Paulo estava pensando em mais do que emoções quando disse que a luz resplandece “em nosso coração... o conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo”. Paulo falava aqui da mente, do entendimento. Em muitas línguas, “luz” é usada no sentido figurado para alguém ou algo que esclarece o que antes era incompreendido. Sem uma mensagem de Deus, a humanidade tatearia nas trevas. É incrível que algumas pessoas pensem que o mundo não tem propósito ou desígnio. Se não tivéssemos nenhuma mensagem de Deus, a dúvida atormentaria os seres humanos. Alguns optam por rejeitar a mensagem de Deus e viver nessa dúvida.

Aqueles que negam que a humanidade foi abençoada com a Luz do alto devem enfrentar as implicações morais dessa negação. De acordo com essa mentalidade, será que uma pessoa difere de um cão ou de um gafanhoto somente na aparência física? E o que dizer da morte? Seria a vida humana apenas uma função das células dos pulmões, do coração e do cérebro trabalhando juntos? Quando um ser humano morre, esse é o fim do indivíduo? Sem nenhuma luz resplandecendo na escuridão, nada saberíamos. Podem desprezar Deus e dar as costas a Ele, mas essas perguntas não vão embora.

O cínico responde: “Sim, estamos nas trevas. Não temos opção a não ser comer e beber e morrer. Devemos fazer o que nos faz sentir bem”. Se Deus não tivesse falado, a humanidade estaria nas trevas. Nesse caso, o curto intervalo entre o nascimento e o túmulo de um ser humano não faz sentido e não há esperança. Dessa perspectiva, “Comamos, bebamos e morramos” é o melhor conselho que alguém pode dar. Por milhares de anos, a especulação filosófica não nos levou a lugar algum. Cientistas dividiram o átomo, controlaram a energia elétrica e fizeram homens viajarem para o espaço sideral – mas as trevas ainda nos cercam. A fé parte do reconhecimento de que, sem Deus, as trevas espirituais são eternas.